

OS ESTEREÓTIPOS RETRATADOS NA MÍDIA TELEVISIVA DURANTE OS JOGOS PARAOLÍMPICOS: o olhar do futuro professor de educação física.

Carlos Alexandre Andrede Santos

RESUMO

Os reforços de estereótipos pela mídia têm papel central na prática do preconceito e da discriminação. Por exemplo, a mídia televisiva brasileira reforça o estereótipo do “herói” quando se refere ao atleta paraolímpico pelo fato de participar de competições. Por trás deste estereótipo esta a mensagem de não valorizar o indivíduo como um ser humano capaz de realizar muitos feitos e conquistas, independente de sua deficiência. Estas considerações iniciais apresentam o contexto no qual se situa este trabalho a partir do qual ganha sentido a questão proposta para investigação: como o futuro professor de Educação Física percebe os estereótipos retratados na mídia televisiva em pessoas com deficiência? Assim, o objetivo geral deste trabalho foi avaliar a percepção de estudantes de educação física sobre a formação de estereótipos de pessoas com deficiência, durante a transmissão dos jogos paraolímpicos. Participaram do estudo 67 estudantes do curso de Educação Física da Faculdade Social. Os participantes responderam um questionário sobre estereótipos no contexto do esporte paraolímpico. Os resultados revelaram que futuros professores de educação física não percebem a influência da mídia televisiva no reforço de estereótipos através de seus conteúdos. Os resultados desta pesquisa devem ser aprofundados uma vez que a atuação profissional dos professores, o trato pedagógico, e as atitudes dos mesmos, podem estar mais suscetíveis ao reforço de estigmas e da segregação de pessoas com deficiência na sociedade.

Palavras-chave: Deficiência, Estereótipos, Paraolimpíadas.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a palavra deficiência sempre foi vista como algo ruim. Segundo Ribas (2007) a palavra deficiência tem em sua essência (significado, raiz, origem), conotação pejorativa. Na língua portuguesa a deficiência é definida como sinônimo de insuficiência, de falta, de carência e, como conseqüência no entendimento, de perda de valor, de falha, fraqueza, imperfeição. A representação social da deficiência, mais especificamente, do indivíduo com deficiência, ainda hoje é carregada de rótulos, pré-julgamentos, estigmas, padronizações e aliada ao julgamento de que são pessoas incapazes. Isto se deve à herança deixada pelo modelo médico. Este modelo descreve a deficiência e o indivíduo com deficiência a partir de diagnósticos clínicos os quais enfatizam apenas os aspectos biológicos.

De acordo com Mauerberg-de Castro (2005, p.53) preconceito é:

Pré-julgamento, herdado de concepções sociais que influenciam as atitudes das pessoas refletindo-se em atos discriminatórios. A discriminação pode ser expressa de diferentes maneiras (verbal, física, expressão corporal) e reflete a forma como

as pessoas se percebem e se comunicam entre si [...] Discriminação é um atributo usado para as pessoas esconderem limitações pessoais, exercerem poder e praticar a opressão limitando os outros do acesso à liberdade, aos recursos econômicos e sociais, e diminuindo o prestígio social – em geral, onde há o prestígio deve haver o desprestigiado.

As atitudes têm forte relação com o comportamento. Uma vez que as atitudes são, em parte, formadas pela aprendizagem dos valores determinados socialmente, entender seus componentes em diferentes contextos é fundamental, pois nem sempre os valores culturais e sociais são universais (MAUERBERG-deCASTRO, 2005) Assim, promover atitudes positivas de professores, alunos, diretores, pais e demais envolvidos com pessoas com deficiência em qualquer idade implica conhecer a qualidade das experiências. Os meios de comunicação encurtaram as distâncias e passaram a exercer um papel cotidiano na vida das pessoas, das famílias, enfim, para todos aqueles sob exposição tecnológica. Mauerberg-deCastro (2005) considera que temas importantes associados aos fenômenos da globalização e da mídia são as questões em torno da violência, da opressão aos valores culturais e da ênfase no consumo.

Gerbner (1994, apud Mauerberg-deCastro, 2005) afirma que, atualmente, idosos, crianças, pessoas menos instruídas são as maiores vítimas da violência na TV. Ainda, existem controvérsias sobre se de fato a mídia tem efeitos sobre o comportamento das pessoas e muitas teorias foram desenvolvidas para explicar esses efeitos. Uma delas é a “*Teoria da Construção da Realidade Social*” que diz que o indivíduo reconhece o sentido das palavras dentro de um contexto de estruturas sociais familiares. Em outras palavras, o indivíduo percebe o mundo baseado no conhecimento, nas crenças e nas interpretações dadas pelos sistemas sociais.

A violência na mídia tem sido uma preocupação para pais, educadores e pesquisadores. Os efeitos da mídia na imagem corporal refletem uma forma de violência mascarada no incentivo para todos os indivíduos almejem a perfeição. A mídia prega na direção da construção de estereótipos em torno do corpo “belo”. Os estereótipos têm papel central na prática do preconceito e da discriminação porque reforçam as desigualdades sociais.

No livro *Imagens que lesam: Estereótipos retratados na mídia (Images That Injure: Pictorial Stereotypes in the Media)*, por exemplo, Jack Nelson chama atenção para seis formas pelas quais a mídia retrata as pessoas com deficiência com estereótipos negativos. O autor retrata os estereótipos como: a vítima, o herói, a ameaça, as pessoas que são incapazes de se ajustar, alguém que precisa de cuidados e os que não deveriam ter sobrevivido. Nesta pesquisa, o “herói” foi o estereótipo de interesse. O “super-deformado” descreve este estereótipo. Tal retrato celebra a pessoa com deficiência como um super-humano. É aquele que superou os obstáculos pessoais e sociais e venceu nos negócios, esportes e outras atividades. A implicação é que o indivíduo é um fracasso se ele se ajustar como uma pessoa comum com deficiência.

A mídia televisiva brasileira reforça a imagem do herói quando se refere ao atleta paraolímpico. São comuns, interlocutores, comentaristas e jornalistas esportivos se reportarem ao atleta paraolímpico como “super-humano”, pelo fato de participar de competições. Por trás deste estereótipo esta a mensagem de não valorizar o indivíduo como um ser humano capaz de realizar muitos feitos e conquistas, independente de sua deficiência.

Estas considerações iniciais apresentam o contexto no qual se situa este trabalho, a partir do qual ganha sentido a questão proposta para investigação: *como o futuro professor de Educação Física percebe os estereótipos retratados na mídia televisiva em pessoas com deficiência?* Assim, o objetivo geral deste trabalho foi avaliar a percepção de estudantes de

educação física sobre a formação de estereótipos de pessoas com deficiência, durante a transmissão dos jogos paraolímpicos.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de natureza exploratória e o procedimento técnico de análise de dados utilizou o método qualitativo/quantitativo.

Participantes

Participaram deste estudo 67 indivíduos com idade média de 26,6 anos de ambos os sexos, dentro do universo de 136 participantes perfazendo assim 49,2% do total de estudantes. Os participantes selecionados para o estudo foram alunos do curso de Educação Física da Faculdade Social da Bahia. Os participantes foram agrupados em G1 (alunos matriculados no primeiro semestre matutino e noturno) e G2 (alunos matriculados no terceiro semestre matutino e noturno). O critério de participação foi assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa. O primeiro e terceiro semestres foram escolhidos intencionalmente para verificar o impacto da trajetória acadêmica e da formação profissional dos alunos na percepção dos estereótipos de pessoas com deficiência. Os alunos do terceiro semestre foram escolhidos porque já haviam cursado a disciplina específica que trata da atividade física para pessoas com deficiência e por terem tido experiência prática através de estágio supervisionado em ambiente de inclusão de pessoas com deficiência.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada a partir dos seguintes procedimentos: num primeiro momento os estudantes do 1º e 3º semestre do curso de educação física dos turnos matutino e noturno da Faculdade Social, receberam um questionário contendo cinco perguntas, relacionadas a estereótipos, mídia televisiva, pessoas com deficiência e a participação de atletas nas paraolimpíadas. Este instrumento foi aplicado no período de 27 de maio de 2009 a 18 de junho de 2009.

Antes de responder o questionário os participantes assistiram a um vídeo contendo imagens (fotos/vídeos) de atletas paraolímpicos em contexto competitivo. Este vídeo, além das imagens dos atletas, apresentou (frases) dos locutores e narradores dos jogos. (frase 1- “Sangue, suor e lágrimas”... / frase 2- “Os atletas com deficiência tem recebido o mesmo carinho oferecido as feras olímpicas”. / frase 3- “... que superação não! Estes sim são verdadeiros heróis!”) Essas três frases foram obtidas junto ao site do Comitê Paraolímpico Brasileiro no link (comunicação) dentro da lista de vídeos que disponibiliza várias reportagens referente ao desporto e atletas paraolímpicos. As frases escolhidas apresentaram, de maneira sutil, o reforço do estereótipo do herói nos atletas com deficiência durante os jogos paraolímpicos de Pequim. Em momento algum foi explicado aos participantes o tema da pesquisa e o conteúdo implícito nas frases.

Após a coleta das informações os questionários aplicados foram separados por grupos específicos (G1 e G2) para melhor analisar as respostas e estabelecer critérios para categorizar as respostas encontradas. Cada pergunta correspondeu a uma dada característica como, por exemplo, a primeira e a segunda pergunta foram relacionadas com o conceito de estereótipo, a terceira e a quarta foram referentes à imagem do atleta paraolímpico e sobre o efeito das frases com o rótulo do “herói”. A quinta pergunta foi em

relação a trajetória acadêmica do estudante e a influência da mídia televisiva na formação e identificação destes estereótipos.

O critério estabelecido para analisar o conteúdo específico de cada questão foi o estabelecer quatro categorias para qualificar o conteúdo das respostas. As categorias estabelecidas foram: (1) Resposta Insuficiente: resposta incompleta, má interpretação da pergunta, sem consciência e conhecimento do assunto / sem domínio da terminologia; (2) Boa resposta: resposta incompleta, consciência e conhecimento do assunto (limitado) / pouco domínio da terminologia; (3) Resposta Satisfatória: resposta incompleta, consciência e conhecimento do assunto "parcial" / domínio da terminologia (parcial); (4) Resposta Excelente: resposta completa, consciência do assunto / domínio da terminologia.

Foi utilizado o modelo estatístico - análise não-paramétrica (*Teste Qui-Quadrado*), para analisar a frequência de resposta nas categorias do questionário (i.e. valores: 1 = Resposta Insuficiente; 2 = boa Resposta; 3 = Resposta Satisfatória e 4 = Resposta Excelente). O valor de $\alpha \leq 0,05$ foi considerado como nível de significância. Valores do α entre 0,05 e 0,10 foram considerados como marginalmente significativos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi avaliar a percepção de estudantes de educação física sobre a formação de estereótipos de pessoas com deficiência, durante a transmissão dos jogos paraolímpicos.

Para avaliar a percepção dos estudantes de Educação Física frente ao reforço de estereótipos pela mídia de atletas paraolímpicos, bem como avaliar o impacto da trajetória (percurso) acadêmico de estudantes de E. F. na percepção de estereótipos da pessoa com deficiência, através de frases e imagens de atletas paraolímpicos, essa pesquisa se configurou como um importante elemento de discussão tanto no meio acadêmico como social. A partir das respostas apresentadas por 67 estudantes participantes da pesquisa foi possível identificar que dentro do G1 (grupo de estudantes do 1º semestre manhã e noite) é notório o grande número de respostas na categoria (1) que representa uma resposta insuficiente para contemplar as perguntas. O G2 (grupo de estudantes do 3º semestre manhã e noite) apresentou um percentual de respostas na categoria de valor (4) a qual representa a resposta completa mediante o que foi questionado.

De maneira geral, os resultados revelaram que o G1 (estudantes do primeiro semestre) apresentou maior frequência de respostas insuficientes. O G2 (grupo de estudantes do 3º semestre manhã e noite) apresentou um percentual maior de respostas categoria de valor (4) a qual representa a resposta completa frente ao que foi questionado (Figura 1).

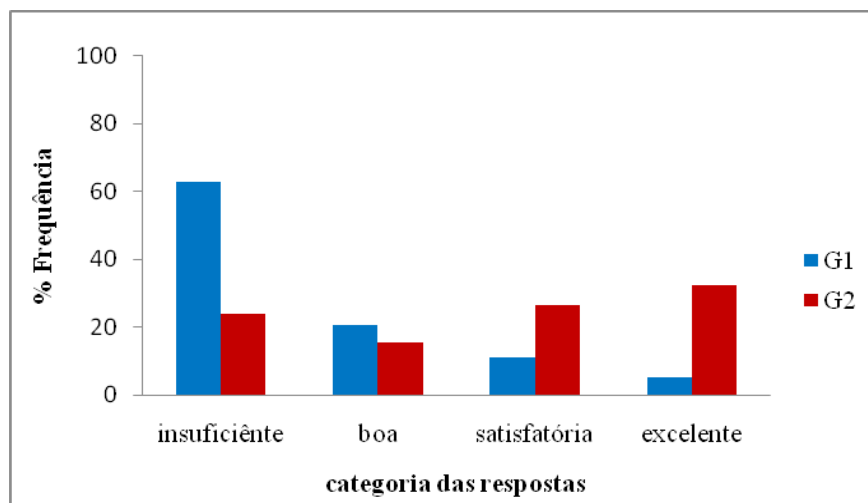


Figura 1: Frequência de respostas nas diferentes categorias entre os grupos (G1 e G2).

A figura 1 apresenta o resultado geral da frequência de respostas dos participantes da pesquisa (G1 e G2) em todas as questões. O teste Qui-Quadrado revelou diferença significativa na frequência de respostas para ambos os grupos G1 ($X^2_3 = 547,7$ $p \leq 0,001$) e G2 ($X^2_3 = 37,972$ $p \leq 0,001$). Esta análise confirmou que o G1 apresentou maior percentual de respostas na categoria (1) e o G2 apresentou um percentual de respostas maior nas categorias (3) e (4). Ainda, as porcentagens de respostas em cada categoria em cada grupo foram significativamente diferentes.

Este resultado em particular sugere que o conhecimento e experiência (teórico-prático) durante a trajetória acadêmica e o envolvimento com pessoas com deficiência, pode influenciar na percepção de estereótipos retratados na mídia no contexto do esporte para pessoas com deficiência.

A figura 2 representa a análise estatística referente à frequência da categoria das respostas, correlacionada à primeira pergunta do questionário, que aborda a definição de estereótipo.

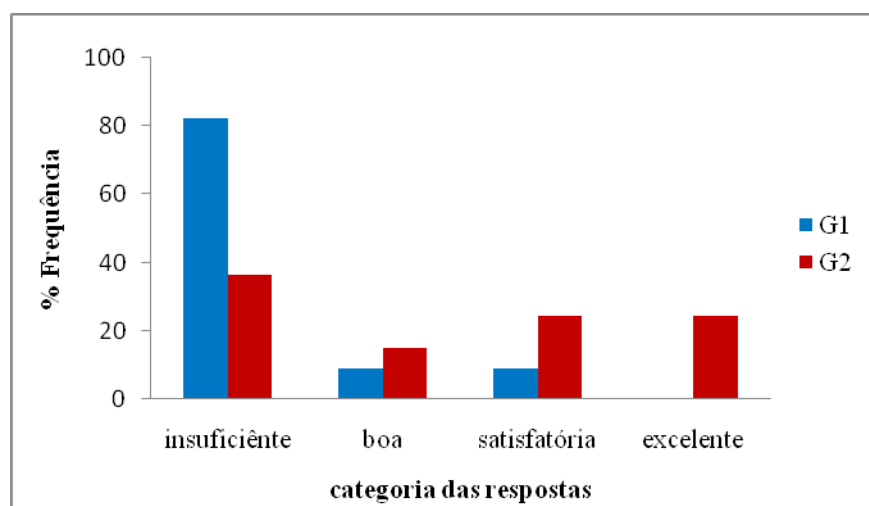


Figura 2: Frequência de respostas na 1ª pergunta nas diferentes categorias entre os grupos (G1 e G2).

Os resultados revelaram que 82% dos estudantes integrantes do G1 apresentaram respostas na categoria insuficiente. Isto reflete que os mesmos não conseguem compreender nem tampouco definir o que é estereótipo. Apenas 8% das respostas neste

grupo foram nas categorias boa e satisfatória. O G2 apresentou um resultado mais equilibrado em relação ao G1, pois para categoria insuficiente foi cerca de 36%, boa 15%, satisfatória 24% e o mais importante entre os quatro o excelente com 24% dos estudantes apresentou respostas completas, o que demonstra domínio, conhecimento e consciência no tocante ao estereótipo, melhor do que o G1, pois não teve nenhum percentual na categoria excelente. As freqüências de respostas do G2 apresentaram diferença significativa. O teste Qui-Quadrado revelou diferença significativa na freqüência de respostas para o G2 ($X^2_3 = 25,737 p \leq 0,001$).

A análise da freqüência de respostas na 2ª pergunta do questionário (Relacionado ao deficiente o que você pode falar sobre estereótipos? É algo bom ou ruim?) em ambos os grupos revelou que o G1 apresentou 67% de respostas insuficientes. O teste Qui-Quadrado revelou diferença significativa na freqüência de respostas para ambos os grupos G1 ($X^2_3 = 126,17 p \leq 0,001$) e G2 ($X^2_3 = 13,91 p \leq 0,001$). Este resultado revela que os alunos do primeiro semestre em geral não conhecem o conceito de estereótipos e tampouco o percebem no contexto do esporte paraolímpico. Por outro lado, o G2 apresentou 54% das respostas na categoria excelente. Este resultado em particular indica que as possibilidades de contato com pessoas com deficiência em estágios e, o conhecimento teórico e técnico sobre as deficiências durante a trajetória acadêmica influenciou as respostas dos participantes do terceiro semestre. (Figura 3).

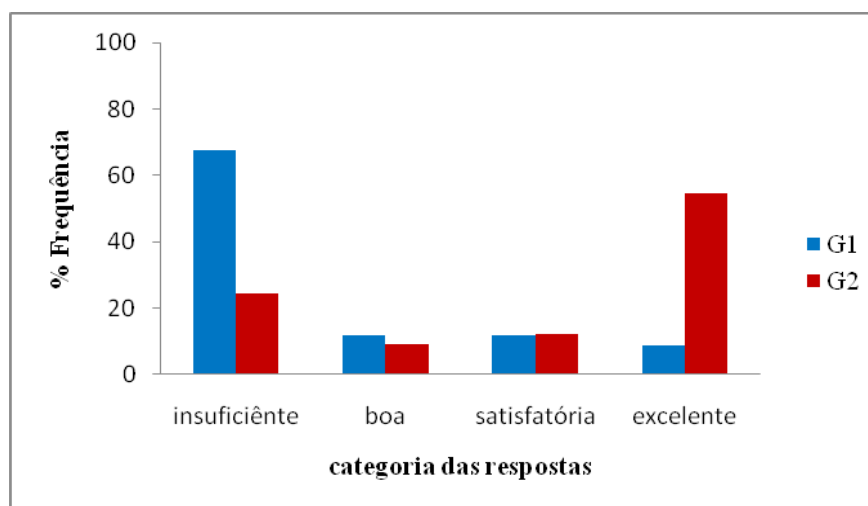


Figura 3: Freqüência de respostas na 2ª pergunta nas diferentes categorias entre os grupos (G1 e G2).

Uma nova configuração se estabelece na leitura da figura 4 que representa o gráfico da freqüência da categoria das respostas sobre a 3ª pergunta, que discute as sensações e sentimentos dos participantes ao terem contato com um vídeo que trazia atletas paraolímpicos em competições. O gráfico teve destaque devido ao baixíssimo percentual de resposta na categoria insuficiente tanto para o G1 quanto para o G2.

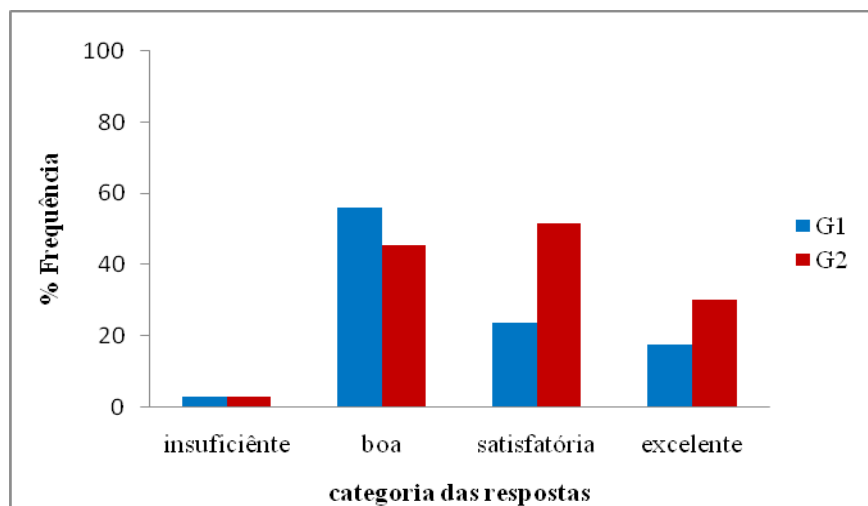


Figura 4: Frequência de respostas na 3ª pergunta nas diferentes categorias entre os grupos (G1 e G2).

A análise dos resultados revelou um bom entendimento por parte dos participantes. Na categoria insuficiente ambos os grupos apresentaram percentual baixo com cerca de 3%, que diferenciou a partir da categoria boa com 55% para o G1 e 45% para o G2, na satisfatória o G2 se destacou quando atingiu 51% e 23% do G1, já na excelente o G1 alcançou cerca de 17% e o G2 por volta de 30%. Mas mesmo com melhora na frequência de respostas do G1, a melhor compreensão e habilidade para tratar com o tema foi apresentada pelo G2.

O gráfico retratado pela figura 5 revelou um dado extremamente preocupante no que se refere à frequência da categoria das respostas referente à concordância ou não com as frases apresentada durante a exibição do vídeo. As frases continham de maneira sutil pensamentos preconceituosos e discriminatórios, que denotam estereótipos aos atletas.

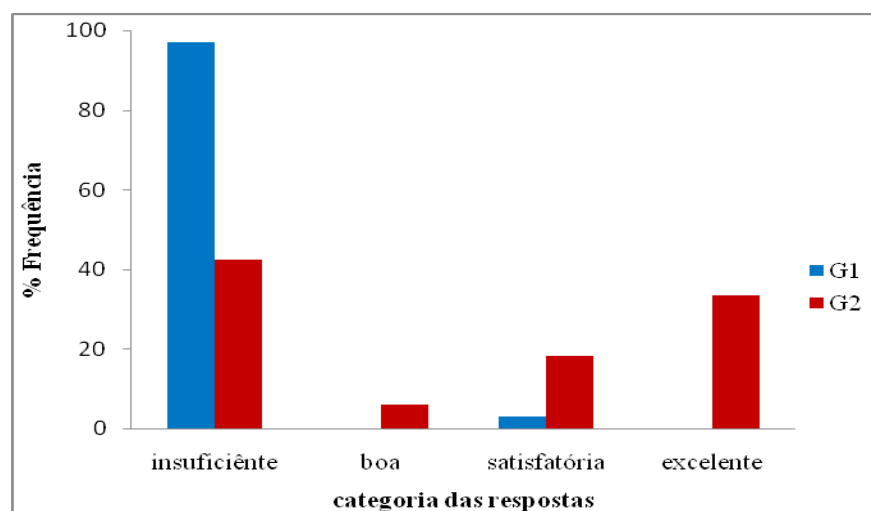


Figura 5: Frequência de respostas na 4ª pergunta nas diferentes categorias entre os grupos (G1 e G2).

O alto percentual da frequência de resposta na categoria insuficiente com 97% dos participantes do G1 quase unânime, deixaram um significado bem negativo e ruim para os mesmos, na medida em que representou um total desconhecimento e falta de consciência no trato com as questões discriminatórias enfrentada pelos deficientes. Para o G2 a leitura feita foi que mesmo com um percentual de 42% na categoria insuficiente foi compensado pelos 33% na categoria excelente, que reafirma uma condição de clareza e reflexão crítica

a respeito do assunto. O teste Qui-Quadrado apresentou diferença significativa na frequência de respostas para o grupo G2 ($X^2_3 = 39,80$ $p \leq 0,001$).

Na perspectiva de estabelecer uma relação entre a influência da mídia televisiva e o percurso acadêmico do futuro professor de educação física, a figura 6 representa a análise da frequência de respostas em cada grupo. A leitura feita é que ambos os grupos nesse gráfico apresentaram um declínio na frequência de resposta.

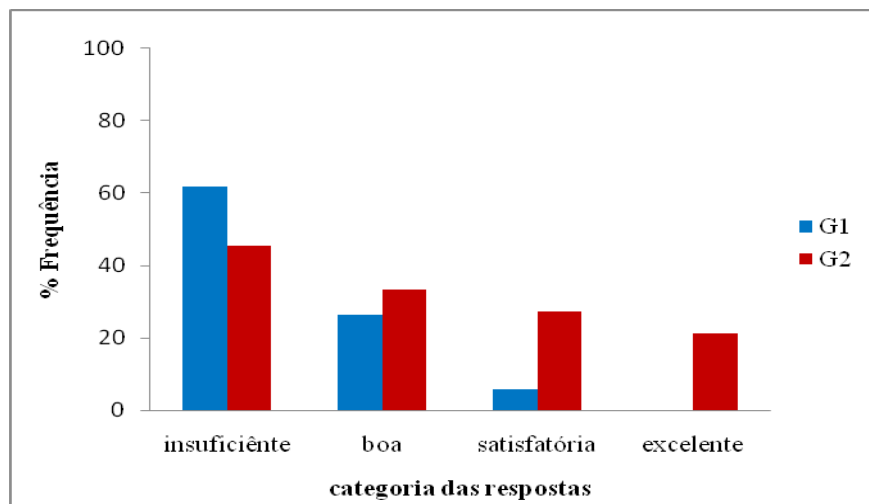


Figura 6: Frequência de resposta na 5ª pergunta nas diferentes categorias entre os grupos (G1 e G2).

Dentre os cinco gráficos apresentados como análise estatística da frequência da categoria das respostas o da figura 6 revelou um maior desequilíbrio entre as frequências de respostas com relação aos outros gráficos frente aos participantes do G2 e como relação ao G1 foi notória a apropriação de conhecimento durante a formação, sem falar da sensibilidade e consciência de mundo.

Na busca pela compreensão e percepção de com o futuro professor de educação física entende e ver o reforço do estereótipo de atletas paraolímpicos através da mídia televisiva, foi analisado com maior especificidade a 3ª pergunta do questionário, que indagava qual a sensação e sentimento era mais intensa na mente pós exibição do vídeo, isso aplicado a cada grupo separadamente G1 e G2, além da análise também da 4ª questão que pergunta se há concordância, não há ou em partes, referente às frases carregadas de rótulos, estigmas e julgamentos precipitados acerca de atletas paraolímpicos em momentos de competição, mostradas durante a exibição do vídeo.

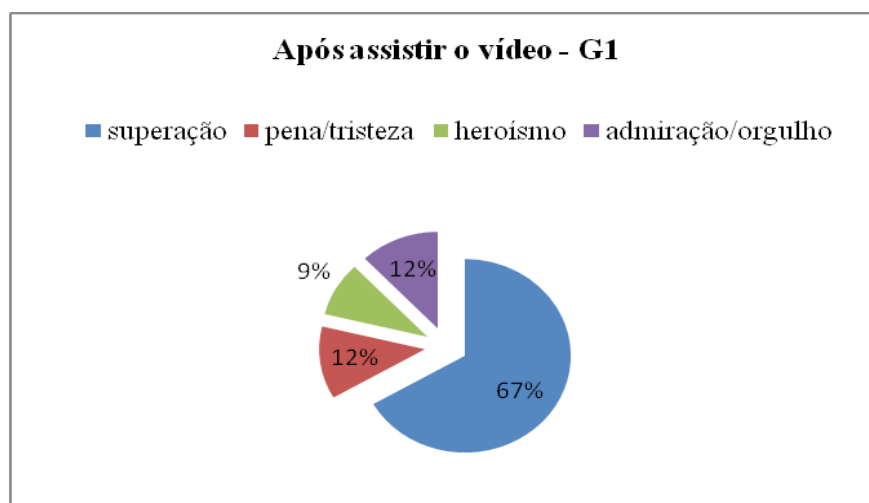


Figura 7: Representa o gráfico que transmite a imagem dos atletas paraolímpicos para o G1.

A apresentação do gráfico revelou que 67% dos estudantes do G1 tiveram a sensação de superação que configura-se como um olhar positivo, 12% para pena / tristeza e admiração / orgulho que representou por um lado sentimento de compaixão, caridade e por outro realização, finalizando a análise ficou o heroísmo com percentual de 9% que da idéia de super valorização estereotipada e compensatória por ser deficiente.

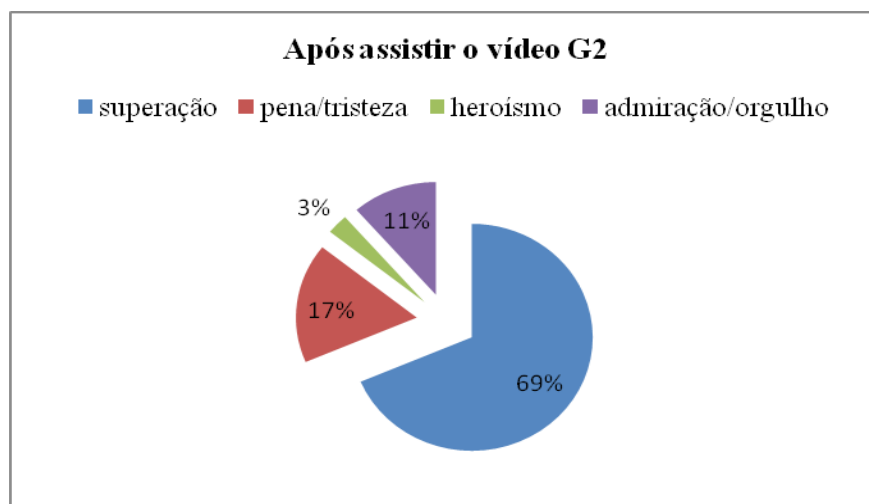


Figura 8: Representa o gráfico que transmite a imagem dos atletas paraolímpicos para o G2.

Para os estudantes pertence ao G2 os resultados revelaram percentuais melhores em comparação com G1, pois apresentou 69% com sentimento de superação o que é bom, ao demonstrar que valoriza a capacidade de realização dos atletas, 17% pena / tristeza ruim, pois não consegue ver que a deficiência esta falta de sensibilidade e desvantagem proporcionadas pela sociedade, 11% de admiração / orgulho que denotou sentimento de reconhecer o deficiente como semelhante digno de valorização e por fim apenas 3% trouxeram o heroísmo como sensação vista ao entrar em contato com o vídeo, que representou uma visão presa a rótulos e estigmas.

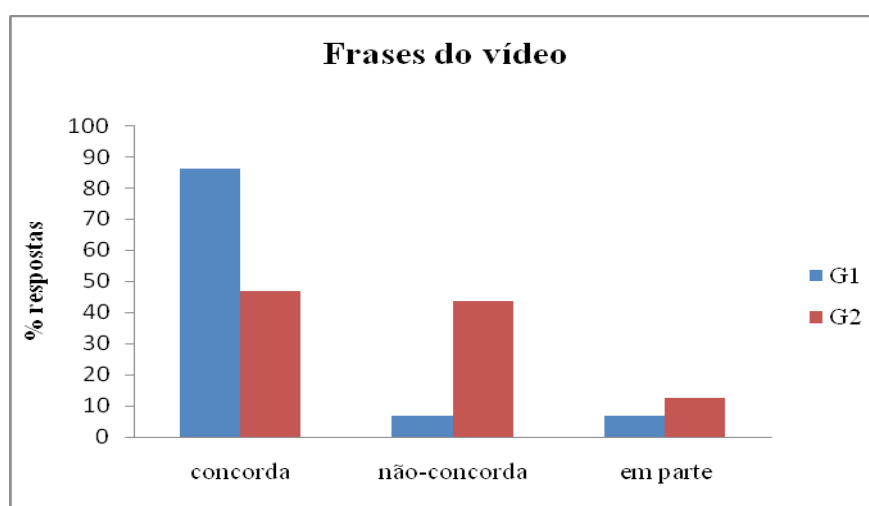


Figura 9: Representa o gráfico que transmite a resposta dos participantes referente ao vídeo assistido.

Ao perguntar se os participantes concordavam ou não com as frases do a figura 9 revelou que os estudantes agrupados no G1 demonstraram um maior percentual 86% que

sinaliza de acordo com as frases apresentadas, recheada de preconceito e marcas, 43% dos participantes do G2 revelaram esta em desacordo com as frases o que denota uma interpretação mais reflexiva ao entender o que estar pro entrelinhas, os que concordam em partes tanto do G1 quanto do G2 revelou que de certo modo não tem domínio absoluto, ou seja, parcial da compreensão do que as frases representaram para eles.

A partir das respostas apresentadas pelos participantes referente ao questionário aplicado e visivelmente nos gráficos, foi possível verificar que ambos os grupos de estudantes tiveram resultados diferenciados para cada grupo, isso devido a diversos fatores que cercam essa conjuntura. Os participantes do G1 apresentaram um desempenho ruim, pois na sua quase que totalidade das respostas foi na categoria insuficiente, além disso, concordou com as frases apresentadas no vídeo. O G2 por sua vez apresentou um desempenho na grande maioria das respostas na categoria excelente e satisfatória, o que demonstra mais conhecimento, consciência, sensibilidade e preparo adequado para futuro professores de educação física que poderão desenvolver tranqüilamente o processo de inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dado importante é o fato dos futuros professores de educação física, participantes do trabalho, não terem percebido que alguns conteúdos da mídia televisiva reforçam estereótipos negativos em pessoas com deficiência. A atuação profissional destes futuros professores pode revelar, no trato pedagógico, e nas atitudes dos mesmos, o reforço de estigmas, rótulos, marcas, cicatrizes e segregação de pessoas com deficiência.

Segundo Diniz (2009) o estereótipo na comunicação oral ou no texto argumentativo, são frases-feitas de efeito (chavões ou ditados populares) no discurso religioso, no cenário esportivo. Por exemplo, o discurso televisivo utiliza imagens que reafirmam valores “inquestionáveis” do senso comum: o estereótipo do herói (atleta paraolímpico ou pessoas com deficiência que se supera), da beleza feminina que sugere a silhueta “*Top Model*” ou da boneca “*Barbie*”, entre outros. A partir de poucos exemplos, Diniz (2009) reforça que a utilização e o poder do estereótipo são muito mais amplos do que se pode imaginar, sobretudo porque as idéias se sustentam no senso comum. Este cenário revela uma sociedade em que há uma submissão do indivíduo o qual, inconscientemente aceita os estereótipos.

Neste trabalho, os estereótipos relacionados às pessoas com deficiência, em particular em “atletas paraolímpicos” foram, em grande parte, aceitos por futuros professores de Educação Física. Os resultados desta pesquisa devem ser aprofundados uma vez que a responsabilidade ética do professor, passa pela necessidade de priorizar em sua formação acadêmica e nas relações interpessoais, a valorização do próximo e da diversidade humana, para contribuir no processo de inclusão social de forma consciente e responsável.

REFERÊNCIAS

CARMO do Afonso. **O poder da mídia.**

<http://www.cuidardoser.com.br/o-poder-da-midia.htm> acessado em 24 de novembro de 2008 as 17:25h.

CONTE, Antonio J.M. **Introdução ao movimento paraolímpico:** manual de orientação para o professor de educação física. Brasília, 2006. Comitê Paraolímpico Brasileiro. 74 p.

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.) **Corpos mutantes:** ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007. 7-10 p.

DINIZ, Maria Lúcia V.P. Estereótipo na mídia: doxa ou ruptura. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2000. Disponível em: <http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/comunicacao/textos/M_Diniz_T001.pdf>. Acesso em: 26 jun 2009.

FONTES, Maria L. A. **Um outro corpo em cena:** a deficiência física sob a lógica do espetáculo. 1999. 119 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação/Ciência da Informação) – Comunicação e Cultura Contemporânea, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GIL, Carlos A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas. 2002. Cap. 4, p. 41-56 / Cap. 5, p. 59-84 / Cap. 16, p.161-171.

LUBISCO, Nidia M; VIEIRA, Sônia C. **Manual de estilo acadêmico:** monografias, dissertações e teses. 2 ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2003. 145 p.

MAUERBEG – de Castro, E. **Atividade física adaptada.** ed. Tecemed. Ribeirão Preto: São Paulo, 2005. pág 53 – 74.

MINAYO de Souza, C. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Cap. II, p. 31-50 / Cap. III, p. 51-66

NETO, Vicente Molina; TRIVINOS, Augusto N.S. (Org.) **A Pesquisa qualitativa na educação física:** alternativas metodológicas. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS Sulina, 2004. 82 p.

PEREIRA, Marcos P. **Psicologia social dos estereótipos.**São Paulo: E.P.U, 2002. 202 p.

RIBAS, João. **Preconceito contra as pessoas com deficiências:** as relações que travamos com o mundo. Cortez, 2007 p. 12-16.

SOUZA, Joslei Viana de. **Tutoria:** estratégias de ensino para inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física. 2008. 136 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

VEET, Vivarte. **Mídia e deficiência.** Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003, p. 17.